ENTRE O CURRÍCULO E A INFÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE OS DESAFIOS DE ACOLHER A CRIANÇA NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Daniela da Mota Porto
Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XII, Guanambi, BA, Brasil
danieladamotaporto@gmail.com

EIXO 2: POLÍTICAS E PRÁTICAS DE FORMAÇÃO E DE CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO BÁSICA E NO ENSINO SUPERIOR NO CONTEXTO DA AMÉRICA LATINA

Queridos(as) colegas pesquisadores(as), participantes deste Seminário e em especial aos professores(as) do primeiro ano do ensino fundamental,

Escrevo esta carta na esperança de que possamos, juntos, repensar o lugar da infância na escola e os sentidos que atribuímos à educação no contexto atual.

No campo educacional, especialmente nas instituições escolares e nos cursos de formação de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, observa-se um movimento cada vez mais intenso de antecipação da escolarização formal. Tal movimento revela-se na exigência pela alfabetização imediata, no afastamento de práticas que valorizam a infância e no excesso de controle sobre os corpos infantis. Não se trata de negar a importância do processo de alfabetização no primeiro ano, mas de reafirmar, como orienta a própria Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2017), que alfabetizar é um percurso complexo, contínuo e cíclico. Ignorar essa perspectiva compromete tanto a consolidação das habilidades básicas necessárias quanto a vivência de uma aprendizagem significativa, reduzindo-a a um processo mecânico e robotizado, que em muitos casos resulta na formação de analfabetos funcionais.

Esse processo, atravessado por políticas públicas, avaliações externas e demandas sociais, muitas vezes coloca sobre as crianças pequenas o peso de expectativas que não dialogam com seus modos próprios de viver, aprender e se expressar.

Ao refletir sobre essa realidade, inspiro-me em diferentes vozes que problematizam a ruptura entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. A pedagogia da infância (Barbosa, 2010; Oliveira Formosinho, 2007), a sociologia da infância (Sarmento, 2003; Corsaro, 2011). e as perspectivas freirianas (Freire, 1996, 1997, 2006 e 2020) nos convocam a uma tarefa urgente: construir uma escola que não silencie o brincar, o corpo, a imaginação e a escuta, mas que acolha esses elementos como constitutivos da aprendizagem.

Os documentos oficiais que regem a educação brasileira, como a BNCC (Brasil, 2017) e as orientações sobre o Ensino Fundamental de nove anos (Brasil, 2007), apontam para a necessidade de continuidade entre etapas, valorizando o brincar, as múltiplas linguagens e os tempos singulares da criança. No entanto, na prática cotidiana, observa-se uma distância entre o que os textos orientam e o que acontece na sala de aula.

As pressões por resultados imediatos, traduzidas em índices de alfabetização, provas externas e comparações estatísticas, acabam empurrando escolas e professores para práticas homogeneizadoras, que reduzem o ensino a cópias, exercícios repetitivos e metas rígidas. Nesse cenário, o primeiro ano, que poderia ser espaço de acolhimento da infância, converte-se em um lugar de silenciamento.

Segundo Porto (2025), essa contradição revela um tensionamento entre o discurso oficial, que reconhece a centralidade da infância, e as políticas de avaliação, que muitas vezes impõem uma lógica de rendimento apressado. Ao educador, cabe a difícil tarefa de resistir a esse movimento e buscar caminhos que mantenham viva a experiência da criança como sujeito de direitos, produtora de cultura e de sentidos.

Ao ouvir as crianças em contextos de pesquisa (Porto, 2023) e de sala de aula (Porto, 2025) fica evidente que seus lugares preferidos na escola não são as carteiras enfileiradas ou as lições da lousa, mas os espaços de brincar, correr, inventar histórias, imaginar mundos. Esse dado nos convida a reconhecer que o brincar não é uma pausa ou mero entretenimento, mas linguagem constitutiva da infância e forma legítima de aprender.

Entretanto, ao ingressarem no Ensino Fundamental, muitas crianças são convocadas a "crescer" de forma abrupta, como se a alfabetização exigisse abandonar a ludicidade, a criatividade e o corpo em movimento. Essa ruptura, longe de ser natural, é fruto de uma

tradição escolar adultocêntrica que privilegia a disciplina e a homogeneidade em detrimento da pluralidade infantil.

A escuta das crianças, nesse contexto, torna-se um gesto político e ético. Escutar implica reconhecer suas vozes, mas também seus silêncios, gestos e escolhas. Quando uma criança insiste em desenhar em vez de copiar, ou prefere brincar em vez de repetir fichas, ela está comunicando algo sobre si, sobre seus modos de aprender e sobre como deseja ser reconhecida.

A pedagogia freiriana, ao defender a escuta, o diálogo e o respeito aos saberes dos educandos, oferece pistas valiosas para reencantar o primeiro ano. Alfabetizar, para Freire, segundo Britto e Di Giorgi (2022) não era apenas decodificar palavras, mas ler o mundo, a partir da experiência concreta de cada sujeito.

Se levássemos esse princípio a sério no primeiro ano, compreenderíamos que alfabetizar pode (e deve) dialogar com o brincar, com o corpo, com as narrativas e com as experiências da infância. Não se trata de escolher entre currículo ou infância, mas de reconhecer que o currículo só faz sentido quando se ancora na vida real da criança.

Outro ponto essencial é o planejamento. Muitas vezes, os planos chegam prontos, estruturados em grades rígidas, sem espaço para o imprevisível da vida infantil. Planejar com as crianças significa reconhecer sua capacidade de propor, transformar e atribuir sentidos às experiências escolares.

Essa prática exige uma docência atenta, reflexiva e corajosa, capaz de abrir mão do controle absoluto e permitir que o cotidiano seja atravessado pelas perguntas, interesses e invenções das crianças. Planejar com elas não significa abandonar objetivos, mas ressignificá-los à luz daquilo que realmente mobiliza a aprendizagem.

A pergunta que move estas reflexões permanece em aberto: há espaço para a infância no primeiro ano do Ensino Fundamental? A resposta depende das escolhas que fazemos como educadores e como sociedade.

Se aceitarmos a lógica da pressa e da homogeneização, a infância continuará sendo empurrada para fora da escola. Mas se tivermos coragem de resistir, de ouvir, de brincar junto

e de reconhecer as crianças como sujeitos de direitos, poderemos reencantar a escola como território de vida e de diálogo.

Não precisamos escolher entre currículo e infância. Precisamos, sim, construir um currículo que nasça da infância, que a reconheça como potência e não como obstáculo. Essa é a tarefa ética, política e pedagógica que nos convoca hoje.

Com esperança em tempos de uma escola mais humana e aberta às infâncias, despeço-me, certa de que nossas práticas podem reinventar o primeiro ano como espaço de encantamento e aprendizagem significativa.

Guanambi – BA, agosto de 2025.

Aos professores(as) do 1º ano do Ensino Fundamental e demais participantes do I Seminário Internacional, o VII Seminário de Educação e o IX Seminário da Consciência Negra do curso de Pedagogia do Departamento de Educação, Campus XII.

Palavras-chave: infância; primeiro ano do ensino fundamental; currículo; brincar; escuta.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ensino Fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: MEC/SEB, 2007.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 15 jun. 2025.

BRITTO, Luiz Percival Leme; DI GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini**. "Leitura do mundo" e educação em Paulo Freire**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 43, e258577, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/ES.258577

FREIRE, Paulo. **A partir da infância.** São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo**. Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

PORTO, Daniela da Mota. **"Essa é minha escola!"**: as práticas educativas em uma EMEI de Guanambi a partir do olhar das crianças. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2023.

PORTO, Daniela da Mota "Do outro lado da força…": relatos de uma professora da Educação Infantil em missão no 1º ano do Ensino Fundamental. **Caderno Pedagógico**, *[S. l.]*, v. 22, n. 10, p. e18848, 2025. DOI: 10.54033/cadpedv22n10-036. Disponível em: https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/18848. Acesso em: 20 ago. 2025.